

# CADERNOS 27

DE LITERATURA EM TRADUÇÃO



Os Muitos Mapas da Irlanda

# Tradução da correspondência inicial entre James Joyce e Ezra Pound

*Elisa Lima Abrantes*

**Resumo:** A correspondência trocada entre James Joyce e Ezra Pound teve início em 1913, quando Pound, por indicação do poeta W.B. Yeats, se apresentou ao irlandês oferecendo-se para ler seus textos e pedindo autorização para publicar um de seus poemas em uma antologia de poetas imagistas, e se estendeu até 1938. Por meio das cartas, ainda não traduzidas no Brasil, pode-se melhor compreender o contexto histórico da época, questões pessoais, profissionais, influências e concepções desses dois autores modernistas. Aqui examino as primeiras cartas trocadas entre os dois autores e proponho a sua tradução para a língua portuguesa, discutindo aspectos dos procedimentos tradutórios escolhidos, alinhados à perspectiva tradicional da equivalência pragmática de Eugene Nida (2004). Utilizo como textos-base 4 cartas do livro de Forrest Read, *Pound/Joyce The Letters of Ezra Pound to James Joyce with Pound's Essays on Joyce* (1970) e uma carta de Joyce do livro *Letters of James Joyce. Vol II* (1966), editadas por Richard Ellmann.

**Palavras-chave:** correspondência Joyce e Pound, James Joyce, Ezra Pound, tradução.

**Abstract:** The correspondence between James Joyce and Ezra Pound began in 1913, when Pound, on the recommendation of the poet W.B. Yeats, introduced himself to Joyce offering to read his texts and asking for permission to publish one of his poems in an anthology of Imagist poets, and lasted until 1938. Through the letters, which have not yet been translated in Brazil, it is possible to better understand the historical context of the time, personal and professional issues, influences and conceptions of these two modernist authors. Here I examine the first letters exchanged between the two authors and propose their translation into Portuguese, discussing aspects of the chosen translation procedures, in line with Eugene Nida's (2004) traditional perspective of dynamic equivalence. I use as base texts 4 letters from Forrest Read's book, *Pound/Joyce The Letters of Ezra Pound to James*

*Joyce with Pound's Essays on Joyce* (1970) and one Joyce's letter from the book *Letters of James Joyce. Vol II* (1966), edited by Richard Ellmann.

**Keywords:** Joyce and Pound correspondence, James Joyce, Ezra Pound, translation.

## Apresentação

O irlandês **James** Augustine Aloysius **Joyce** (1882-1941) é reconhecido como um dos maiores escritores do século XX. Seu uso experimental da linguagem e métodos literários inovadores em longas obras de ficção são características marcantes de seu engajamento no cânone modernista. Suas inovações estilísticas, podem ser apontadas, entre outras, como atenção minuciosa aos detalhes, o uso do monólogo interior, do fluxo da consciência, do jogo de palavras, da transformação radical do enredo e do desenvolvimento dos personagens.

Romancista, contista e poeta dublinense, viveu grande parte de sua vida expatriado. Suas obras mais conhecidas são a coleção de contos *Dublinenses* (1914), e os romances *Retrato de um Artista quando jovem* (1916), *Ulysses* (1922) e *Finnegans Wake* (1939); escreveu também muitos ensaios críticos, uma peça de teatro e poemas.

O poeta **Ezra** Loomis **Pound** (1885-1972), por sua vez, também foi um dos principais representantes do Modernismo do início do século XX. Poeta, tradutor e crítico estadunidense, contribuiu fortemente para o desenvolvimento dos movimentos Imagista e Vorticista nas artes e na literatura. Autor prolífico, tem a sua obra *The Cantos*, composta de 120 poemas, considerada uma das grandes obras literárias do século XX. Pound ajudou a promover e a modelar a obra de diversos poetas e romancistas, tais como TS Eliot, Ernest Hemingway, Robert Frost e de James Joyce, entre outros. Introduziu o conceito de tradução como crítica e suas contribuições às teorias de tradução são inúmeras. A importância de Pound para a carreira de Joyce é fundamental, pois promoveu as suas obras, usou sua influência para que fossem publicadas, inclusive *Ulysses*, em 1922, e até mesmo ajudou-o financeiramente.

O primeiro contato entre eles se deu em 1913, quando o consagrado poeta irlandês W.B. Yeats sugeriu a Pound que escrevesse a um jovem poeta, James Joyce, que vivia em Trieste, para inclui-lo na antologia de poemas imagistas que Pound organizava. Joyce e Pound corresponderam-se por décadas, e a leitura de suas cartas permite aos leitores acesso aos pensamentos e a detalhes da vida pessoal desses remetentes, revelados por meio do texto epistolar. O estudo e análise das missivas

trocadas entre eles desperta grande interesse para os estudos biográficos, históricos, literários e para os leitores interessados nesses autores. Segundo Foucault, a carta

constitui uma certa maneira de cada um se manifestar a si próprio e aos outros. É simultaneamente um olhar que se volta para o destinatário [...] e uma maneira de o remetente se oferecer ao seu olhar pelo que de si mesmo lhe diz. De certo modo, a carta proporciona um face-a-face. (2006, p. 150).

Buscando contribuir para o acesso de leitores brasileiros a essa correspondência, mantida em diversas fontes, ainda não traduzidas para o português e tampouco disponíveis no Brasil, empreendemos a tradução dessas cartas, colocando-as em série, para que a leitura seja facilitada

por sua realização no “contínuo: a classificação que cada missiva coloca diante da respectiva resposta [...] é a que fornece o maior número de indícios sobre a harmonia de uma relação epistolar, a qualidade do entendimento, o estabelecimento de um eco, a compreensão mútua. [...] De maneira ainda mais evidente do que em outros gêneros, como poesia e romance, o sistema de leitura modifica o sentido da mensagem; é o olhar do leitor que faz com que os epistológrafos se tornem personagens de uma ficção verdadeira. (Haroche-Bouzinac, 2016, p. 15).

Como parte desse projeto de organização e tradução, que contemplará as cartas enviadas em todo o período de correspondência, e que estejam publicadas, exponho aqui uma proposta preliminar de tradução das primeiras 4 cartas de Pound para Joyce, em ordem cronológica, enviada nos meses de dezembro de 1913 e janeiro de 1914, e da carta que Joyce enviou aos jornais irlandeses em agosto de 1911 e que usou, junto com uma explicação sobre a dificuldade de publicar a obra, como prefácio à *Dublinenses*, em novembro de 1913.

Após a tradução proposta, comentarei as escolhas realizadas no processo de tradução. Tenciono manter a fluidez do texto em língua portuguesa e procurar equivalentes que “recusem introduzir na língua para a qual se traduz a estranheza do original.” (Berman, 2007, p.21).

Cabe ressaltar que as cartas de Joyce para Pound enviadas no ano de 1914 não estão acessíveis nas fontes consultadas, e que temos apenas acesso a cartas enviadas após abril de 1915. Por esta razão, o prefácio de Joyce para *Dublinenses* será traduzido, bem como a carta que o compõe, enviada a editores de jornais irlandeses em 1911, para manter a organização em série.

## Correspondência traduzida e comentada

10, Church Walle, Kensington. W.

15 December, 1913

James Joyce ESq.

Dear Sir:

Mr Yeats has been speaking to me of your writing. I am informally connected with a couple of new and impecunious papers ("The Egoist" which has coursed under the unsuitable name of "The New Freewoman" 'guere que d' hommes y collaborent' as the Mercure remarked of it-and the "Cerebrilist" which means God knows what-anyhow they are about the only organs in England that stand and stand for free speech and want [*longhand*: (I don't say get)] literature. The latter can pay a little, the former practically can not pay at all, we do it for larks and to have a place for markedly modern stuff.

I also collect for two American magazines which pay top rates, I can not however promise publication in them as I have no absolute powers for accepting mss.

This is the first time I have written to any one outside of my own circle of acquaintance (save in the case of French authors). These matters can be better dealt with in conversation, but as that is impossible, I write.

"The Smart Set" wants top notch stories. "Poetry" wants top notch poetry; I do not answer for the editorial conception of "top notch" but they pay 2 bob a line and get most of the best people (and one hell of a lot of muck). As I don't in the least know what your present stuff is like, I can only offer to read what you send, Essays etc. could only go into the "C" or "E" [*longhand*: either is a very good place, if you want to speak your mind and something The Spectator objects to.] Appearance in the Egoist may have a slight advertising value if you want to keep your name familiar.

Anyhow there are the facts for what they are worth. Please, if you send anything, mark quite clearly what you want done with it, minimum price as well as price desired. [*longhand*: etc. I am *bonae voluntatis* – don't in the least know that I can be of any use to you-or you to me. From what W. B. Y. says I imagine we have a hate or two in common-but that's a very problematical bond on introduction.]

Yours sincerely,  
Ezra Pound

## Ilustríssimo sr. James Joyce

Prezado senhor,

O senhor Yeats falou-me dos seus escritos. Estou, informalmente, ligado a dois jornais novos e impecuniosos (O “*The Egoist*”, que tem circulado sob o nome inadequado de “*The New Freewoman*” - [em que] *quase nenhum homem colabora*”<sup>1</sup> – como o Mercure comentou – e o “*Cerebrilist*”, que significa Deus sabe o que – de qualquer modo, eles são os únicos espaços na Inglaterra que de fato defendem a liberdade de expressão, e querem [(escrito à mão) não digo que consigam] literatura. O segundo pode pagar um pouco; o primeiro, praticamente não pode pagar nada, publicamos nele por diversão e para ter um espaço para [nossos] trabalhos marcadamente modernos.

Eu também contribuo para duas revistas americanas que pagam muito bem; não posso, no entanto, prometer publicação nelas, pois não tenho poderes absolutos para aceitar mss [manuscritos].

Esta é a primeira vez que escrevo para alguém fora do meu círculo de conhecidos (exceto no caso de autores franceses). Esses assuntos poderiam ser melhor tratados em uma conversa, mas como isso é impossível, escrevo.

A “*The Smart Set*” quer histórias de alto nível. A “*Poetry*” quer poesia de alto nível; eu não respondo pela concepção editorial de “alto nível”, mas eles pagam 2 xelins por linha e publicam a maioria dos melhores (e um monte de porcarias). Como eu não conheço o seu trabalho, só posso me oferecer para ler o que você enviar, ensaios etc. que só poderão entrar na “C” ou na “E” [(escrito à mão): qualquer uma delas é um bom lugar, se você quiser falar o que pensa sobre algo a que o “*The Spectator*” se oponha]. A publicação na “*The Egoist*” pode ter algum valor como propaganda se você quiser ter seu nome conhecido.

Seja como for, os fatos são esses. Por favor, se você enviar qualquer texto, marque claramente o que você quer que seja feito com ele, preço mínimo, bem como o preço desejado. [(escrito à mão): etc. Eu sou *um homem de boa vontade*,<sup>2</sup> – não tenho a mínima ideia se eu posso ser útil para você ou você para mim. Pelo que W. B. Y. diz, imagino que tenhamos em comum uma ou duas coisas que odiamos, mas esse é um vínculo muito discutível para uma apresentação]

Sinceramente,

Ezra Pound

1 Neste trecho, originalmente em francês, ‘guere que d’hommes y collaborent’, optou-se por traduzir a frase em língua portuguesa como *quase nenhum homem colabora*, mantendo-se o itálico para indicar língua estrangeira. Aqui percebe-se a ironia de Pound, pois praticamente todo o *staff* da revista era composto por homens. (cf. Ellmann, 1982, p. 326 nota 3).

2 *Bonae voluntatis* – expressão latina que pode ser traduzida em língua portuguesa por ‘boa vontade’.

Nesta primeira carta, percebe-se, de início, a formalidade e cortesia com que Pound se dirige ao destinatário: James Joyce Esq. O termo “*Esq*” para “*Esquire*” (escudeiro) é um título, hoje pouco usado, incluído após o nome e sobrenome em documentos formais. (Esq, 2023). Escolhi o termo “ilustríssimo senhor” como seu equivalente pragmático (Nida, 2006) em português do Brasil. Em seguida, Pound utiliza o convencional “*Dear Sir*” (prezado senhor), e o tom da carta torna-se mais conversacional e coloquial após as formalidades iniciais, o que busquei reproduzir na tradução.

Além do tom coloquial na exposição do conteúdo, na versão traduzida decidi por incluir o itálico para indicar língua estrangeira nos títulos das revistas e suplementos literários, e mantive as aspas, conforme aparecem no original. Optei pelo itálico também em duas frases, com o intuito de informar o leitor que essas passagens estão em língua estrangeira no original; a primeira em francês e a segunda em latim, seguidas de breve nota de rodapé a respeito das duas passagens. Incluí também, por três vezes, entre colchetes, palavras que auxiliem o entendimento do leitor, a saber: [em que], [nossos] e [manuscritos].

A segunda carta, de Pound para Joyce é enviada antes mesmo da resposta deste à primeira. Yeats mostrou a Pound um poema de Joyce, do livro *Chamber Music* (1907), e Pound se interessou em publicá-lo na antologia de poetas imagistas que estava preparando na época. Em 26 de dezembro de 1913, portanto, poucos dias depois da carta de apresentação que mostramos anteriormente, Pound escreve a Joyce solicitando permissão para publicar o poema “*I Hear an Army*” (Eu ouço um exército) na antologia dos imagistas. Segue a breve comunicação em que o pedido é feito:

Stone Cottage, Coleman’s Hatch, Sussex

26 December, 1913

James Joyce Esq.

Dear Mr Joyce: Yeats has just found your ‘I hear an Army’ and we are both much impressed by it.

This is a business note from me and compliments from him.

I want permission to use the poem in my anthology of Imagists. I can give you a guinea fee down, if that’s good enough, and whatever more your share in profits of the anthology come to (if they come to anything-this is not the usual graft anthology, the contributors are to share proportionately, if the book earns anything).

yours sincerely,

Ezra Pound

Ilustríssimo Senhor James Joyce

Prezado Sr. Joyce:

Yeats acaba de encontrar o seu “I Hear an Army” (Eu ouço um exército) e nós dois ficamos muito impressionados com ele.

Esta é uma nota profissional, de minha parte, e de elogios da parte dele.

Quero permissão para usar o poema na minha antologia de Imagistas. Posso pagar um guinéu<sup>3</sup> como adiantamento, se isso for bom o suficiente, e mais a sua participação nos lucros da antologia (se eles chegarem a alguma coisa; esta não é uma antologia com a corrupção usual; os contribuidores ganham, proporcionalmente, se o livro vender alguma coisa).

Sinceramente, Ezra Pound

Nesta missiva, Pound novamente faz uso do termo “Esq,” e a comunicação é objetiva, breve, uma nota, como ele mesmo aponta. O termo ‘guinéu’ recebe uma nota explicativa para facilitar o entendimento dos leitores. Optei por manter o título original do poema de Joyce e incluir a tradução literal em português, entre parênteses.

Encorajado pela nota recebida, Joyce respondeu dando permissão para o uso do poema e perguntando sobre as possibilidades de publicação de seus textos nos meios literários. Esta carta, como mencionado, não está disponível nas fontes consultadas, mas deduzimos a natureza do seu conteúdo a partir da resposta de Pound, datada de 04 de janeiro de 1914. Ademais, segundo Forrest Read (1970, p. 20), junto a esta carta, Joyce remeteu cópia de uma carta que havia feito circular em 1911 em jornais irlandeses a respeito das dificuldades de publicação de *Dublinenses*, e que, àquela altura, havia atualizado para servir de prefácio à obra, adicionando o título *A Curious History* (Uma História Curiosa), que Pound publicou na sua coluna da revista *The Egoist*, em 15 de janeiro de 1914. Para que possamos manter a característica do projeto de tradução das cartas a partir de leituras em série, incluiremos aqui o prefácio, precedido da nota de Pound, conforme publicado na coluna do *The Egoist*.

---

3 Guinéu – antiga moeda britânica de ouro



## Curious history

The following statement having been received by me from an author of known and notable talents, and the state of the case being now, so far as I know, precisely what it was at the date of his last letter (November 30th), I have thought it more appropriate to print his communication entire than to indulge in my usual biweekly comment upon books published during the fortnight.

Mr. Joyce's statement is as follows:

The following letter, which was the history of a book of stories, was sent by me to the Press of the United Kingdom two years ago. It was published by two newspapers so far as I know: *Sinn Fein* (Dublin) and the *Northern Whig* (Belfast).

To the Editor

17 August 1911

Via della Barriera Vecchia 32, III,  
Trieste (Austria)

Sir, May I ask you to publish this letter which throws some light on the present conditions of authorship in England and Ireland?

Nearly six years ago Mr Grant Richards, publisher, of London, signed a contract with me for the publication of a book of stories written by me, entitled *Dubliners*. Some ten months later he wrote asking me to omit one of the stories and passages in others which, as he said, his printer refused to set up. I declined to do either and a correspondence began between Mr Grant Richards and myself which lasted more than three months. I went to an international jurist in Rome (where I lived then) and was advised to omit. I declined to do so and the MS. was returned to me, the publisher refusing to publish notwithstanding his pledged printed word, the contract remaining in my possession.

Six months afterwards a Mr Hone wrote to me from Marseilles to ask me to submit the MS to Messrs Maunsel, publishers, of Dublin. I did so: and after about a year, in July 1909, Messrs Maunsel signed a contract with me for the publication of the book on or before 1 September 1910. In December 1909 Messrs Maunsel's manager begged me to alter a passage in one of the stories, *Ivy Day in the Committee Room*, wherein some reference was made to Edward VII. I agreed to do so, much against my will, and altered one or two phrases. Messrs Maunsel continually postponed the date of publication and in the end wrote, asking me to omit the passage or to change it radically. I declined to do either, pointing out that Mr Grant Richards of London had raised no objection to the passage when Edward VII was alive and that I could not see why an Irish publisher should raise an objection to it when Edward VII had passed into history.

I suggested arbitration or a deletion of the passage with a prefatory note of explanation by me but Messrs Maunsel would agree to neither. As Mr Hone (who had written to me in the first instance) disclaimed all responsibility in the matter and any connection with the firm I took the opinion of a solicitor in Dublin who advised me to omit the passage, informing me that as I had no domicile in the United Kingdom I could not sue Messrs Maunsel for breach of contract unless I paid £100 into court and that, even if I paid £100 into court and sued them, I should have no chance of getting a verdict in my favour from a Dublin jury if the passage in dispute could be taken as offensive in any way to the late king.

I wrote then to the present king, George V, enclosing a printed proof of the story with the passage therein marked and begging him to inform me whether in his view the passage (certain allusions made by a person of the story in the idiom of his social class) should be withheld from publication as offensive to the memory of his father. His Majesty's private secretary sent me this reply:

Buckingham Palace

The private secretary is commanded to acknowledge the receipt of Mr James Joyce's letter of the 1st instant and to inform him that it is inconsistent with rule for His Majesty to express his opinion in such cases. The enclosures are returned herewith.

11<sup>th</sup> August, 1911.

Here is the passage in dispute:

– But look here, John,– said Mr O'Connor.– Why should we welcome the king of England? Didn't Parnell himself . . . ?-

Parnell,– said Mr Henchy,– is dead. Now, here's the way I look at it. Here's this chap come to the throne after his old mother keeping him out of it till the man was grey. 1 He's a jolly fine decent fellow, if you ask me, and no damn nonsense about him. He just says to himself:– The old one never went to see these wild Irish. By Christ, I'll go myself and see what they're like.– And are we going to insult the man when he comes over here on a friendly visit? Eh? Isn't that right, Crofton?-

Mr Crofton nodded his head.

–But after all, now, –said Mr Lyons, argumentatively, –King Edward's life, you know, is not the very . . . –

– Let bygones be bygones. – said Mr Henchy – I admire the man personally. He's just an ordinary knockabout like you and me. He's fond of his glass of grog and he's a bit of a rake, perhaps, and he's a good sportsman. Damn it, can't we Irish play fair?

I wrote this book seven years ago and, as I cannot see in any quarter a chance that my rights will be protected, I hereby give Messrs Maunsel publicly permission to publish this story with what changes or deletions they may please to make and shall hope that what they may publish may resemble that to the writing of which I gave thought and time. Their attitude as an Irish publishing firm may be judged by Irish public opinion. I, as a writer, protest against the systems (legal, social and ceremonious) which have brought me to this pass.

Thanking you for your courtesies,

I am, Sir,

Your obedient servant

JAMES JOYCE

I waited nine months after the publication of this letter. Then I went to Ireland and entered into negotiations with Messrs Maunsel. They asked me to omit from the collection the story 'An Encounter', passages in 'Two Gallants', 'The Boarding House', 'A Painful Case', and to change everywhere through the book the name of restaurants, cakeshops, railway stations, public houses, laundries, bars and other places of business. After having argued against their point of view day after day for six weeks and having laid the matter before two solicitors (who, while they informed me that the publishing firm had made a breach of contract, refused to take up my case or to allow their names to be associated with it in any way.) I consented in despair to all these changes on condition that the book were brought out without delay and the original text were restored in future editions, if such were called for.

Then Messrs Maunsel asked me to pay into their bank £1000 as security, or to find two sureties of £500 each. I declined to do either; and they then wrote to me, informing me that they would not publish the book, altered or unaltered, and that if I did not make them an offer to cover their losses on printing it they would sue me to recover the same. I offered to pay sixty per cent of the cost of printing the first edition of one thousand copies if the edition were made over to my order. This offer was accepted, and I arranged with my brother in Dublin to publish and sell the book for me. On the morrow when the draft and agreement were to be signed the publishers informed me that the matter was at an end because the printer refused to hand over the copies. I then went to the printer. His foreman told me that the printer had decided to forego all claim to the money due to him. I asked whether the printer would hand over the complete edition to a London or continental firm or to my brother or to me if he were fully indemnified.

He said that the copies would never leave his printing house, and that the type had been broken up and that the entire edition of one thousand copies would be burnt the

next day. I left Ireland the next day, bringing with me a printed copy of the book which I had obtained from the publisher.

JA MES JOYCE

30th November, 1913

Via Donato Bramante, 4th, Trieste

## História curiosa

Tendo recebido o relato de um autor de conhecido e notável talento, e sendo o caso agora, tanto quanto sei, precisamente o que era à data da sua última carta (30 de novembro), julguei mais apropriado publicar toda a sua comunicação do que desfrutar de minha crítica quinzenal sobre os livros publicados no período.

Segue o relato do Sr. Joyce:

A carta seguinte, que conta a história de um livro de histórias, foi enviada por mim à imprensa do Reino Unido há dois anos. Até onde sei, foi publicada por dois jornais: o *Sinn Fein* (Dublin) e o *Northern Whig* (Belfast).

Ao Editor

17 de agosto de 1911

Via della Barriera Vecchia 32, III,

Trieste (Austria)

Senhor, me permite que lhe peça para publicar esta carta, que lança alguma luz sobre as condições atuais de autoria na Inglaterra e na Irlanda?

Há quase seis anos, o Sr. Grant Richards, editor de Londres, assinou um contrato comigo para a publicação de um livro de contos escrito por mim, intitulado *Dublinenses*. Cerca de dez meses depois, ele escreveu pedindo que eu cortasse um dos contos e algumas passagens de outros, que como ele disse, a gráfica se recusou a imprimir. Recusei-me também, e iniciou-se uma correspondência entre o senhor Grant Richards e eu, que durou mais de três meses. Fui a um jurista internacional em Roma (onde eu morava na época) e fui aconselhado a cortar. Recusei-me a fazê-lo e o MS [manuscrito] foi devolvido a mim, a editora recusando-se a publicar, apesar de ter dado a sua palavra, permanecendo o contrato em minha posse.

Seis meses depois, um senhor Hone escreveu-me de Marselha e me pediu para submeter o MS aos senhores Maunsel, editores de Dublin. Fiz isso, e cerca de um ano depois, em julho de 1909, os senhores Maunsel assinaram um contrato comigo para a

publicação do livro até 1º de setembro de 1910. Em dezembro de 1909, um gerente dos senhores Maunsel me implorou para alterar uma passagem em um dos contos, *Ivy Day in the Committee Room* (*Dia de hera na sede do comitê*), em que uma referência foi feita a Eduardo VII. Aceitei, muito contra a minha vontade, e alterei uma ou duas expressões. Os Senhores Maunsel adiaram continuamente a data de publicação e no final me escreveram pedindo para omitir o trecho ou alterá-lo radicalmente. Recusei-me a fazê-lo, salientando que o senhor Grant Richards, de Londres, não tinha levantado objeções ao trecho quando Eduardo VII estava vivo e que eu não conseguia entender por que razão um editor irlandês deveria levantar objeções ao trecho, já que Eduardo VII já tinha passado para a história.

Sugeri a arbitragem ou a eliminação do trecho com uma nota explicativa minha no prefácio, mas os Senhores Maunsel não concordariam com nenhum dos dois. Uma vez que o Sr. Hone (que me tinha escrito em primeira instância) se eximiu de qualquer responsabilidade neste assunto e de qualquer ligação com a empresa, consultei um advogado em Dublin que me aconselhou a omitir a passagem, informando-me que, como eu não tinha domicílio no Reino Unido, não poderia processar os Senhores Maunsel por violação do contrato, a menos que pagasse 100 libras em tribunal e que, mesmo se eu pagasse 100 libras no tribunal e os processasse, eu não teria nenhuma chance de obter um veredicto a meu favor de um júri de Dublin se a passagem em discussão pudesse ser considerada ofensiva de alguma forma para o falecido rei.

Escrevi então ao atual rei, George V, anexando uma cópia impressa do conto com a passagem nela marcada e implorando-lhe que me informasse se, em sua opinião, o trecho (certas alusões feitas por uma pessoa à história no idioma de sua classe social) deveria ser retirada da publicação por ser ofensiva à memória de seu pai. O secretário particular de Sua Majestade enviou-me esta resposta:

Palácio de Buckingham

O secretário particular acusa o recebimento da carta de primeira instância do Sr. James Joyce e lhe informa que é incompatível com as regras [da realeza] que Sua Majestade expresse opinião em tais casos. Deste modo, os anexos são devolvidos.

11 de agosto de 1911.

Eis o trecho em discussão:

– *Escute aqui, John – disse Mr. O’Connor. – Por que haveremos de dar boas-vindas ao rei da Inglaterra? O próprio Parnell não ...*

– *Parnell – disse Henchy – está morto. – Agora, eu acho o seguinte: o sujeito é impedido pela maldita mãe de ser coroado e só consegue sentar no trono quando já está grisalho. É um homem sensível, e deseja o nosso bem. A meu ver é um ótimo sujeito e não é dado a frescuras.*

*Ele deve pensar: A velha nunca se deu ao trabalho de visitar esses malditos irlandeses. Meu Deus, eu vou até lá ver como eles são. E nós vamos insultar o sujeito no momento em que vem nos fazer uma visita de cortesia? Hein? Não é, Crofton?*

*Mr. Crofton assentiu com a cabeça.*

*– Mas, afinal de contas – disse Mr. Lyons em tom de discordância*

*– Você sabe, a vida do rei Eduardo não é lá . . .*

*– O que passou, passou – disse Mr. Henchy. – Eu o admiro. É um sujeito comum, como você e eu. Gosta de um trago e é um tanto mulherengo, talvez, mas tem espírito esportivo. Diabo, será que nós irlandeses não conseguimos jogar limpo?<sup>4</sup>*

Escrevi este livro há sete anos e, como não vejo em momento algum uma chance de que meus direitos sejam protegidos, dou publicamente permissão aos Senhores Maunsel para publicar este conto com as alterações ou exclusões que eles queiram fazer e espero que o que eles publiquem possa se assemelhar ao texto a que dediquei reflexão e tempo. A sua atitude enquanto editora irlandesa pode ser julgada pela opinião pública irlandesa. Eu, como escritor, protesto contra os sistemas (legal, social e cerimoniosos) que me trouxeram a esta passagem.

Agradecendo pela cortesia,

Eu sou, Senhor,  
Seu servo obediente  
JAMES JOYCE

Esperei nove meses após a publicação desta carta. Depois fui para a Irlanda e entrei em negociações com os senhores Maunsel. Pediram-me para omitir da coleção o conto ‘Um Encontro’, passagens de ‘Dois Galantes’, ‘A Pensão’ e ‘Um Caso Doloroso’, e que mudasse em todo o livro o nome de restaurantes, confeitarias, estações ferroviárias, pubs, lavanderias, bares e outras casas comerciais. Depois de ter argumentado contra o seu ponto de vista dia após dia durante seis semanas e de ter apresentado o assunto a dois advogados (que, embora tenham me informado que a editora havia quebrado o contrato, recusaram-se a aceitar o meu caso ou a permitir que os seus nomes fossem associados a ele de quaisquer formas). Concordei em desespero com todas essas mudanças, sob a condição

---

<sup>4</sup> Trecho do livro *Dublinenses* em tradução de Jose Roberto O’Shea, conforme referenciado ao final do trabalho.

de que o livro fosse lançado sem demora e o texto original fosse restaurado em edições futuras, se fosse necessário.

Então, os senhores Maunsel me pediram para pagar £ 1000 em seu banco, como garantia, ou encontrar duas fianças de £ 500 cada. Recusei-me a fazer qualquer um dos dois; e então me escreveram, informando-me que não publicariam o livro, alterado ou inalterado, e que se eu não lhes fizesse uma oferta para cobrir suas perdas na impressão, eles me processariam para recuperar o dinheiro. Ofereci-me para pagar sessenta por cento do custo de impressão da primeira edição de mil exemplares se a edição fosse feita sob minha encomenda. Esta oferta foi aceita, e eu combinei com meu irmão em Dublin para publicar e vender o livro para mim. No dia seguinte, quando o rascunho e o acordo deveriam ser assinados, os editores me informaram que o assunto estava encerrado porque o tipógrafo se recusou a entregar os exemplares. Fui então para a gráfica. O patrão dele me disse que o tipógrafo havia decidido renunciar a todas as reivindicações sobre o dinheiro devido a ele. Perguntei se a gráfica entregaria a edição completa a uma empresa londrina, ou do continente, ou ao meu irmão, ou a mim, se ele fosse totalmente indenizado. Ele disse que os exemplares jamais sairiam de sua gráfica, que o tipo estava quebrado e que toda a edição de mil exemplares seria queimada no dia seguinte. Saí da Irlanda no dia seguinte, trazendo comigo um exemplar impresso do livro que tinha recebido da editora.

JAMES JOYCE

30 de novembro de 2013.

Via Donato Bramante 4II, Trieste

Na tradução deste prefácio, utilizei o itálico para o trecho do conto “Dia de Hera na Sede do Comitê” na tradução brasileira de *Dublinenses*, por Jose Roberto O’Shea.

Em resposta à correspondência de Joyce, Pound escreve, em 4 de janeiro de 1914, a carta a seguir:

Stone Cottage, Coleman’s Hatch, Sussex,  
(Mail address, 10, Church Walk, London. W.)

Dear Mr Joyce:

[longhand: Thanks for the use of the poem]. I sent on your fee from London yesterday (for poem to go in Anthology). I will send copies of papers in a day or so if I can find some.

About the stuff you have on hand, of course I can’t tell until I see it, but I will forward it as follows: I will send the stories to the *Smart Set* (saying nothing about their

suppression [longhand: I take it they haven't appeared at all]) I dare say you know the magazine, BUT it has a new editor. He likes D. H. Lawrence's work but wrote recently about one story "Glorious stuff, wish to God we could print it, but we should find the magazine suppressed and I should be languishing in a cell as I believe the phrase is" [longhand: He says he wants and does want realism.]

However, we can try him first as he pays more or less decently. Yeats says the tales shocked the modesty of Maunsell<sup>3</sup> or something of that sort. "The Egoist" wont mind that (The Egoist is the present name of what will be marked FREEWOMAN in the copies I send you) only the Egoist cant pay, and one keeps it, as I said, for [crossout: personal utterance, or] propaganda, or for stuff that is too personal to sell to the usual magazines, or too outspoken.

We want it to be a place where a man can speak out. It is not a device for getting a man who ought to be paid, to work for nothing, which is more than I can say for some arty magazines... I think they would probably be glad to have some of the essays, or possibly the novel if you cared to give it them. The Smart Set wouldnt print anything serially, and I've no influence with any magazine that might.

I found with the "Horses of Diamedes" that it was rather easy to find a publisher *after* the Freewoman had printed about half of it. I don't know how much advantage it would be to you. The actual size of the book would also have to be considered before I could tell what they would do with it.

As for the play, there's the Abbey for performance (????) and for publishing, The Glebe (which is doing the anthology) might print it, or they might do the novel.

Publication in the Egoist would help toward that "Poetry" as you will see, prints only verse and a few notes by the staff. They pay 2 s. per line but are slow about getting things in and very wobbly about their judgement. They get some good stuff and a lot of bad.

The Glebe pays a royalty, as book publication would.

The whole question re/ the Egoist, is how much the publicity and the 'keeping in touch' is worth. The Mercure de France (Dec 15) quotes a page and a half from my article on Tagore in said paper, that for what it is worth, shows how much such appearance gets the matter about. And then there is the mere convenience of getting a number of copies of a thing one wants for friends.

That is about the 'lay of the land' or lie of the land or whatever, at present.

Yours sincerely  
Ezra Pound



Prezado Sr. Joyce:

[à mão: Obrigado [por permitir] o uso do poema]. Enviei ontem, de Londres, o seu adiantamento (para o poema entrar na Antologia). Vou lhe enviar cópias dos papéis em um ou dois dias, se eu conseguir encontrá-los.

Sobre o material que você tem em mãos, é claro que não posso dizer nada até vê-los, mas vou encaminhá-los da seguinte forma: vou enviar as histórias para a *Smart Set* (sem dizer nada sobre os cortes [à mão: eu assumo que eles não apareceram]). Ouso dizer que você conhece a revista, MAS ela tem um novo editor. Ele gosta do trabalho de D. H. Lawrence, mas escreveu recentemente sobre um conto dele: “é glorioso, pediria a Deus para publicá-lo, mas teríamos a revista extinta e eu apodreceria na cadeia, acho que a expressão é essa. [à mão: Ele diz que quer porque quer realismo.]

No entanto, podemos tentar primeiro com ele, pois ele paga mais ou menos decentemente. Yeats diz que os contos chocaram o recato de Maunsell ou algo do tipo. A *The Egoist* não se importará com isso (*The Egoist* é o nome atual da revista marcada como *Freewoman* nas cópias que eu lhe enviar). Só que a *The Egoist* não pode pagar, e publica-se [nela], como eu disse, para [riscado: declaração pessoal, ou] propaganda, ou para textos que são pessoais demais ou muito sinceros para se vender para as revistas usuais.

Queremos que a *The Egoist* seja um lugar onde um homem possa dizer o que pensa. Não é um artifício para fazer com que alguém que deveria ser pago trabalhe à toa; já não posso dizer o mesmo de algumas revistas de arte... Acho que provavelmente ficariam felizes em receber alguns dos seus ensaios, ou possivelmente o romance, se você se interessasse por enviá-los a elas. A *Smart Set* não imprimiria nada em série, e eu não tenho influência sobre qualquer revista que o faça.

Descobri com [o conto] “Cavalos de Diamedes” que foi bastante fácil encontrar uma editora *depois* que a *Freewoman* publicou cerca de metade dele. Não sei o quanto isso seria vantajoso para você. O tamanho real do livro teria também de ser considerado antes que eu possa dizer o que eles fariam com ele.

Quanto à peça, há o [Teatro] *Abbey* para a encenação (????) e para a publicação, a *The Glebe* (que está publicando a antologia) pode imprimi-la, ou o romance. A publicação na *The Egoist* ajudaria nisso.

A “*Poetry*” como você verá, publica apenas poemas e algumas poucas notas dos editores. Eles pagam 2 xelins por linha, mas são lentos em publicar e muito hesitantes em seu julgamento; publicam algumas coisas boas e muitas ruins.

A *The Glebe* paga direitos autorais, como seria a publicação em livro.

A questão toda ref. a *The Egoist*, é quanto vale a publicidade e o ‘manter-se conhecido’. O *Mercure de France* (15 dez) cita uma página e meia do artigo que escrevi sobre o

Tagore<sup>6</sup> na *The Egoist*, o que mostra o quanto ter publicado nela repercutiu. E, por fim, há a mera conveniência de se conseguir um certo número de cópias que se queira para os amigos.

Tudo isso é sobre fazer um reconhecimento do terreno, ou saber onde se pisa, ou o que seja, nos dias de hoje.

Atenciosamente

Ezra Pound.

Nesta carta, Pound já não utiliza o termo Esq., o que pressupõe menos preocupação com formalidades. Aqui Pound se coloca como um agente literário, mostrando o contexto para publicação de ensaios e textos literários. Incluí as indicações de trechos escritos a mão, como no original consultado, adicionei, entre colchetes, palavras para melhor entendimento do texto, a saber: [permitir], [nela], [o conto] e [teatro].

Utilizei a equivalência pragmática (Nida, 2006) para traduzir o trecho “That is about the ‘lay of the land’ or lie of the land or whatever, at present” como “Tudo isso é sobre fazer um reconhecimento do terreno, ou saber onde se pisa, ou o que seja, nos dias de hoje.” As expressões ‘lay of the land’ e ‘lie of the land’ são variantes no Reino Unido e nos Estados Unidos para se referir à configuração da terra, e, figurativamente, inteirar-se de uma situação. Optei pela palavra “terreno” na primeira expressão para manter o mesmo campo semântico da palavra “terra”, e duas expressões sinônimas no português brasileiro: “reconhecer o terreno” e “saber onde se pisa,” para mostrar que o que se pretende dizer pode ser expressado das duas formas, ambas em sentido figurado, como no original.

Por fim, na última carta do mês de janeiro de 1914, após ler os textos enviados por Joyce, a saber, os contos de *Dublinenses* e o primeiro capítulo do romance *Retrato do artista quando jovem*, Pound faz suas considerações e sugere possibilidades de publicação. Segue a carta, escrita em dois dias diferentes, sábado e segunda-feira, assim registrados, possivelmente para marcar que a escrita se dá em momentos distintos; um imediatamente após a leitura, como Pound conclui na sua primeira parte: ‘I am writing this at once. Have just finish the reading’ (Estou escrevendo isso de imediato. Acabei de terminar a leitura), e outro dois dias depois.

---

6 Habindranath Tagore (1861-1941), poeta, romancista, músico e dramaturgo indiano.

17-19 January 1914

Saturday 10 Church Walk, Kensington, London, W

Dear Joyce

I'm not supposed to know much about prose but I think your novel is damn fine stuff-I dare say you know it quite as well as I do--clear and direct like Merimee.

I'm sending it off at once to *The Egoist* it seems a crime not to get you paid for it but you recognize the difficulties and the rows any publisher would make.

I hope to god *The Egoist* dont jibe at one or two of your phrases, but I shall try to keep the burden of argument from your shoulders.

Confound it, I cant usually read prose at all not anybody's in English except James and Hudson and a little Conrad.

I am writing this at once. Have just finished the reading.

Monday.

Have been deeed with interruptions.

I think the stories good-possibly too thorough, too psychological or subjective in treatment to suit that brute in New York. I suppose AN ENCOUNTER is impossible (for a magazine) still I shall send the three of them with my recommendation, for what that's worth.

Wright thinks me a bit cracked, and regards himself as the sane normal and practical male. He has exactly twice as much sense as the common american editor, a sort of double zero leaning toward the infinitesimal. Anyhow we'll have a go at him and see what can be done.

How about verses. Have you anything more that stands up objective as your "I hear an Army". That potty little magazine in Chicago pays well, and as I have resigned in a rage they are now for a little space docile and desirous of pleasing me by taking my advice.

I hope to have proofs of the "Artist" in a week, but you know what a hell printers and papers are, one NEVER knows till the stuff is out of the office.

Pardon lack of ceremony in this note, but I'm just getting resettled in London and everything has to be done all at once.

Yours sincerely

Ezra Pound

17-19 de janeiro de 1914

Sábado 10 Church Walk, Kensington, London, W

Caro Joyce,

Não se espera que eu saiba muito sobre prosa, mas eu acho que o seu romance é pra lá de bom – ousado dizer que você sabe disso tão bem quanto eu – claro e direto como Merimée<sup>7</sup>.

Vou enviá-lo de uma vez para o THE EGOIST; [me] parece um crime não o pagar por ele, mas você bem conhece as dificuldades e o barulho que qualquer editor faria.

Peço a deus conseguir que o EGOIST não zombe de uma ou duas de suas expressões, mas vou tentar tirar dos seus ombros o fardo da argumentação.

Deve lhe surpreender, [mas] eu não costumo ler prosa alguma em inglês, exceto de James e Hudson, e um pouco de Conrad.

Estou escrevendo isso de imediato. acabei de terminar a leitura.

Segunda-feira.

Tenho estado ensurdecido por tantas interrupções.

Acho que os contos são bons – talvez muito completos, psicológicos demais ou subjetivos na forma de tratar o tema, para serem do agrado daquele estúpido de Nova Iorque. Suponho que AN

ENCOUNTER é impossível (em uma revista). Vou enviar os três com a minha recomendação, se vale de alguma coisa. Wright acha que sou meio maluco, e se considera o homem prático, normal e sensato. Ele tem o dobro da noção dos editores americanos, uma espécie de duplo zero tendendo ao infinitesimal. De qualquer forma, vamos dar uma olhada nele e ver o que pode ser feito.

Que tal versos. Tem mais alguma coisa que levante um objetivo como o seu ‘Eu ouço um exército’. Aquela revista excêntrica de Chicago paga bem, e como eu me demiti furioso, por ora eles estão dóceis e querem me agradar seguindo as minhas recomendações.

Espero ter as provas do ‘Artista’ em uma semana, mas você sabe que inferno são os tipógrafos e os jornais; NUNCA se sabe, até que o material esteja fora da gráfica.

Perdão pela falta de cerimônia nesta nota, mas estou me acomodando em Londres e tudo tem de ser feito sem demora.

Sinceramente,

Ezra Pound

---

7 Prosper Merimée (1803-1870), escritor, dramaturgo, historiador e arqueólogo francês.

Nesta carta, Pound se torna ainda mais informal; já não utiliza o termo ‘Esq.’ (Esquire, ilustríssimo senhor) e nem o pronome de tratamento ‘Mr’ (senhor). Portanto, para sugerir mais familiaridade entre destinatário e remetente traduzi ‘dear’ por ‘caro’. Ainda em relação as escolhas de tradução, destaco a expressão coloquial, *your novel is ‘damn fine stuff’*; traduzida como ‘o seu romance é pra lá de bom;’ uma nota de rodapé identificando para o leitor o nome citado, Merimée, e novamente o emprego da equivalência dinâmica, ao traduzir o verbo *recognize* como ‘bem conhece,’ e não ‘reconhece,’ o que seria mais usual.

Para concluir, resalto que neste projeto de organização e tradução para o português das cartas de Pound e Joyce já publicadas, pretendo obedecer a uma ordem cronológica e em série, seguidas de paratextos que possam ampliar o entendimento dos elementos narrativos presentes nas missivas.

## Referências bibliográficas

- BERMAN, Antoine. Introdução. In: \_\_\_\_\_. *A tradução e a letra: ou o albergue do longínquo*. Tradução de Marie-Hélène C. Torres, Mauri Furlan e Andréia Guerini. Rio de Janeiro: 7 letras, 2007.
- ELLMANN, Richard. *Letters of James Joyce. Vol II*. London: Faber & Faber, 1966.
- ESQUIRE. In. Cambridge Dictionary. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/us/dictionary/english/esq>. Acesso em 30/11/2023
- FOUCAULT, Michel. “A Escrita de Si.” In: \_\_\_\_\_. *O que é um autor*. Lisboa: Veja, 1992, p. 129-160.
- HAROCHE-BOUZINAC. *Escritas Epistolares*. Trad. Ligia Fonseca Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.
- JOYCE, James. *Dublinenses*. Trad. Jose Roberto O’Shea. São Paulo: Hedra, 2012, p. 121.
- NIDA, Eugene. “Principles of Correspondence”. In: VENUTI, Lawrence (ed.). *The Translation Studies Reader*. New York: Routledge, 2004.
- READ, Forrest. *Pound/Joyce. The Letters of Ezra Pound to James Joyce, with Pound’s Essays on Joyce*. New York: New Directions Book, 1970.
- JAMES JOYCE’S CORRESPONDENCE. Disponível em [jamesjoycecorrespondence.org](http://jamesjoycecorrespondence.org). Acesso em 25/11/2023.

**Elisa Lima Abrantes** é professora associada de Literaturas de Língua Inglesa no Departamento de Letras e Comunicação Social da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) e pesquisadora afiliada à Cátedra de Estudos Irlandeses William Butler Yeats (USP). Atualmente se dedica a dois projetos: “Estudo da correspondência entre James Joyce e Ezra Pound 1913-1938” e “A representação da história irlandesa em romances de Sebastian Barry”.